

Os jornais franceses ainda falam em problemas

Reali Júnior, correspondente em Paris.

Apesar da ratificação do acordo assinado pelo Brasil com o FMI e o acordo concluído com o Clube de Paris para o reescalonamento de parte da dívida pública brasileira, as nossas dificuldades financeiras mais urgentes não parecem estar totalmente superadas. Pelo menos essa é a impressão que se tem lendo a imprensa francesa de ontem e ouvindo técnicos e banqueiros.

Os jornais chamam a atenção para a posição dos pequenos bancos norte-americanos e europeus que ainda resistem em participar do pacote de 6,5 bilhões de dólares, mesmo sofrendo fortes pressões dos grandes bancos internacionais, além da oposição oficial da Grã-Bretanha, cuja primeira-ministra, Margaret Thatcher, continua reticente em autorizar a participação de seu país no empréstimo de 2,5 bilhões de dólares, novos créditos garantidos por governos. Esse problema não foi discutido durante a reunião do Clube de Paris, mas sabe-se que a Grã-Bretanha não quer participar, acreditando que já ajudou suficientemente o reescalonamento de parte de sua dívida.

Se o *Le Monde* chama a atenção para a oposição britânica, o matutino econômico *Les Echos* considera que os acontecimentos se precipitaram favorecendo o Brasil. O de- gelo decretado pelo FMI e Clube de Paris, com a ratificação de importantes acordos, abriu a perspectiva para que os 850 bancos comerciais reunissem 90% de um crédito de 6,5 bilhões de dólares. O restante deverá ser completado pelos pequenos bancos, ainda reticentes, mas afirma-se, por aqui, que se

isso não ocorrer os bancos mais importantes deverão aumentar sua participação para completar esse total. Também a negociação brasileira com o Clube de Paris está sendo definida como altamente positiva para o Brasil, que obteve "apreciáveis concessões de seus 16 credores".

O articulista do *Les Echos*, ao contrário de alguns de seus colegas, considera que agora nenhum obstáculo se opõe para a montagem do empréstimo de 2,5 bilhões de dólares que os governos estudam nesse momento, e isso apesar da abstenção da Grã-Bretanha, que considera que o Brasil deve aumentar seus esforços internos para "pôr ordem em sua casa".

Para o matutino *Liberation*, o Fundo Monetário Internacional resolveu "recom- pensar a política da fome brasileira". Dessa forma, o jornal francês anuncia os recentes acordos financeiros assinados com o Brasil, lembrando que durante esse tempo "desem- pregados esfomeados pilhavam supermerca- dos no Rio e em São Paulo".

Apesar disso, o jornal afirma que o País se considera "mimado" nesses últimos dias com os acordos assinados, prevendo uma recepção com fanfarras para os ministros Ernane Galvães, negociador do acordo com o Clube de Paris, e Delfim Neto, com o FMI. Mas essa não é a opinião da oposição, que reclamava uma moratória unilateral e que está convencida de que "o Brasil se inclinou diante do FMI e que a política de super-rigor terá como consequência o prosseguimento da recessão econômica".